

O REGISTO ARQUEOLÓGICO DE UMA SUPERSTIÇÃO

O SIGNO-SALOMÃO NO ALENTEJO – SÉCULOS XV-XVIII

ANDREA MARTINS andrea.arte@gmail.com

GONÇALO LOPES g.simoelopes@gmail.com

HELENA SANTOS lenamps@hotmail.com

MANUELA PEREIRA Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. manuelaspereira@gmail.com

MARCO LIBERATO Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa. marcoliberato@hotmail.com

PEDRO CARPETUDO Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. cephas28@gmail.com

RESUMO Apresentam-se três exemplos de representações de signo-salomão em materiais relacionados com o armazenamento de víveres, recuperados em contextos do Sul do país depositados entre os séculos XV e XVII, o que parece demonstrar que esta figura assumia um papel axial nas superstições relacionadas com a degradação dos produtos alimentares.

PALAVRAS-CHAVE Signo-salomão, elementos apotropaicos, conservação dos alimentos, Alentejo, Idade Moderna

O signo-salomão assumiu no território português duas formas distintas: uma mais simples que corresponde à figura geométrica pentagrama e outra, mais complexa, que José Leite de Vasconcelos classificou de signo-salomão dobrado. Nas primeiras décadas do século XX aquele investigador recolheu vários testemunhos do aparato supersticioso que enquadrava a utilização deste símbolo em diversas regiões portuguesas.

Genericamente era encarado como um ente protector contra o Mal – que se podia manifestar a partir de formas diversas como quebrantos ou maus-olhados – sendo que a sua representação impedia a penetração de elementos nocivos no interior da entidade protegida. Assim, em Melgaço acreditava-se que «nada entra, (isto é coisa má)» com pessoas cujas linhas da mão assumissem formas próximas do pentagrama e o mesmo símbolo, gravado em cangas, impedia «que o Diabo entre com os bois», de acordo com as tradições populares de Óbidos (Vasconcelos, 1918, p. 239).

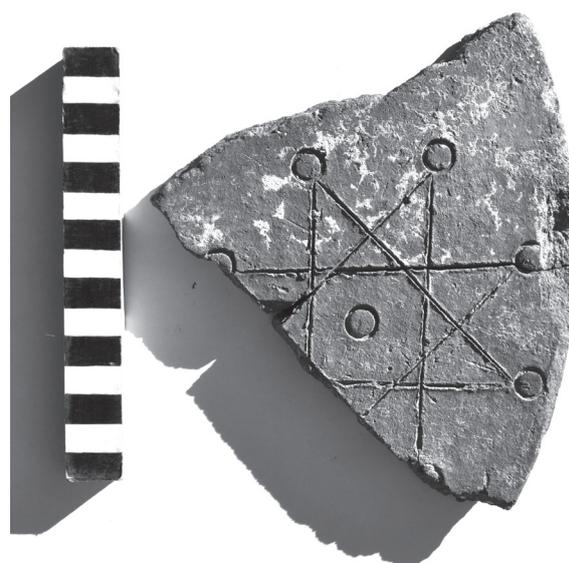
A primeira representação aqui apresentada provém de Beja e foi gravada numa placa de xisto que funcionou como tampa de um silo, recuperada na Avenida Miguel Fernandes. Os materiais associados permitem enquadrá-la cronologicamente no século XV. De facto, terá sido gravada em data anterior a 1496, uma vez que na mesma placa foi inscrito o nome Abraão em caracteres hebraicos, certamente para sinalizar a propriedade da cova

de pão que protegia. Assim, para além de demonstrar a precocidade da utilização do símbolo com intenções indubitavelmente apotropaicas – uma vez que se torna inverosímil que um elemento como a tampa do silo recebesse um motivo meramente decorativo – permite conjecturar que as superstições em torno do signo-salomão seriam transversais às várias confissões religiosas que coexistiam nos espaços urbanos portugueses até ao édito de expulsão.

Na vila intra-muros de Montemor-o-Novo, durante a campanha de escavação arqueológica de 2010, na zona de Santa Maria da Vila, foi encontrado um fragmento de tampa de talha de forma circular. O seu diâmetro original seria de aproximadamente 56 centímetros e possui um signo-salomão dobrado gravado, junto de uma aresta, que basicamente consiste numa estrela de oito pontas ou octograma. Nas oito pontas da estrela foram feitos círculos, assim como no centro da figura. Este objecto foi encontrado num edifício que se pensa ter sido utilizado como taberna/lagar/adega, possivelmente utilizado no século XVII. No piso térreo do edifício foi identificada uma área de produção constituída por um pátio e três lagaretas e uma área de armazenamento constituída por diversos compartimentos onde se encontrava grande quantidade de talhas, duas delas intactas e *in situ*. Foi junto desta possível área de armazenamento que o fragmento de talha com o signo-salomão



1. Representação proveniente de Beja.

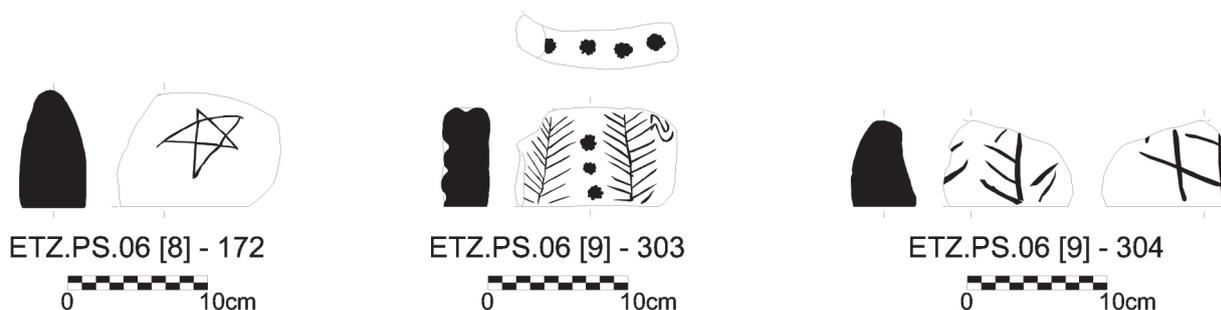


2. Representação proveniente de Montemor-o-Novo.

dobrado foi encontrado. Este facto leva a supor que, neste caso, a intenção deste símbolo fosse a protecção de qualquer malefício do vinho guardado no interior de uma dessas talhas.

Também em Estremoz se identificou uma representação do signo-salomão, desta feita na sua forma simplificada, recuperada numa sondagem realizada em 2006, junto das Portas de Santarém, no âmbito do PNTA *Estremoz e o seu termo durante a Idade Média: produção, consumo e circulação de produtos cerâmicos*. Foi aplicado sobre um peça cerâmica cuja função permanece desconhecida mas cuja forma, tendendo ao semi-círculo, bem como a sua robustez, nos induzem a colocar a hipótese de se tratar de um elemento que, aplicado na base de vasos cerâmicos de grandes dimensões, facilitaria a sua estabilização. Os motivos incisos nos fragmentos recolhidos também indiciam

que constituiriam um todo funcional com as talhas, uma vez que, para além do pentagrama, surgem representadas espigas de cereal, um dos motivos que mais frequentemente decoram esses contentores cerâmicos. A associação destes hipotéticos apoios de talha com faianças decoradas com o motivo de “contas” a azul e vinoso, apontam a segunda metade do século XVII ou os inícios da centúria seguinte como o momento de deposição do despejo detritico onde foram recuperados. Todos os exemplos aqui documentados parecem remeter para uma utilização relativamente frequente do signo-salomão como elemento profilático para a conservação de produtos alimentares armazenados para posterior consumo. Esta prática é de facto compaginável com as superstições populares ainda vigentes no início do século passado: o signo-salomão garantiria a imunidade do interior de silos ou talhas face a



3. Apoios de talha (?) provenientes de Estremoz.



4. Decoração de talhas, actualmente reutilizadas como elemento decorativo num restaurante de Estremoz.

maus-olhados e quebrantos, protegendo os víveres e impedindo o seu emputrescimento ou azedamento. Certamente esta prática não seria exclusiva do Alentejo mas as características climáticas e pedológicas do Sul da Península, que tornavam esta região mais apta para o cultivo da vinha e do cereal, facilitando também a sua conservação por prazos mais dilatados, poderão

ter implicado uma maior divulgação desta solução. Sintomaticamente, todas as representações deste símbolo em elementos cerâmicos recolhidos por José Leite de Vasconcelos correspondem a talhas ou potes, demons-trando a sua íntima relação com o armazenamento de grandes volumes de consumíveis alimentares, que perdurou até ao século XX.

BIBLIOGRAFIA

VASCONCELOS, J. L. de (1918) – Signum Salomonis (Estudo de Etnografia comparativa). *O Arqueólogo Português*. SI: 23, p. 203-316 e 382-384.